

**ATRAVESSAMENTOS POÉTICOS NAS PESQUISAS E NOS PROCESSOS
ARTÍSTICOS**Edson Macalini¹ - UNIVASF**S6. AV. Reversibilidades estéticas – Meandros entre educação e poéticas artísticas
nas artes visuais****RESUMO:**

Entre percepções e sentidos estruturou-se esse texto que pretende refletir sobre os atravessamentos estéticos e poéticos na produção e ofício do artista visual. A intenção está em ampliar os horizontes da pesquisa em processos que compreendem as poéticas artísticas como área de investigação potencialmente reflexiva para se pensar arte na contemporaneidade, assim como, os desvios cotidianos que ocorrem no processo do ensino e aprendizagem em Artes Visuais. Falaremos, no respectivo trabalho sobre descobertas e confrontações no percurso da composição de um conjunto expositivo que culminou de uma Residência em Artes Visuais na Cidade de Sanfins do D'ouro - Portugal, entre os meses de abril a maio de 2016.

PALAVRAS - CHAVE:

Pesquisa em artes visuais; Poéticas artísticas; Atravessamentos; Descobertas.

O impulso e o acaso

Tanto o trabalho do artista visual, como do professor de Artes Visuais é repleto de reflexões, construções e desvelamentos. Acredito no processo de investigação em artes visuais como lugar de impulso e desvios constantes. Me agrada a palavra "atravessamento" como conceito de algo que cruza o caminho e/ou interfere no fluxo contínuo dos processos.

Outro conceito que se agrega, a intuição, tão preciosa a arte, é a ligação entre o empírico e o científico, ou aquele conhecimento que não está respaldado ao ato de raciocinar, mas de agir intuitivamente nas buscas por soluções para seu trabalho. Ligada a intuição, a criatividade é defendida por Zamboni (2012) como o processo criativo, onde os momentos de intuição vão ordenar uma sequência criativa ao ato do fazer artístico, indo ao encontro de alguma coisa, buscando algo novo e solucionando problemas, e, do mesmo modo que a arte está o conhecimento científico.

[...] como qualquer atividade humana, pesquisa enquanto processo não é somente fruto do racional: o que é racional é a consciência do desejo, a vontade e a predisposição para tal, não o processo da pesquisa em si, que intercala o racional e o intuitivo na busca comum de solucionar algo. Esses conceitos servem tanto para a ciência quanto para a arte, pois pesquisa é a vontade e a consciência de se encontrar soluções, para

¹. Professor e Artista Visual – UNIVASF/Juazeiro-BA. Email: edson.macalini@univasf.edu.br

qualquer área do conhecimento humano (ZAMBONI, 2012, p. 51).

Destarte, esse trabalho surgiu de um atravessamento. Como aquele livro que cai da estante da biblioteca e que lhe fere o dedo, salta com impulso e desejo de ser visto. Assim apareceu o livro "*Formação de cidades no Brasil Colonial*" de Paulo Ferreira Santos, professor da Universidade de Brasília - UNB, que discorre sobre o processo da colonização européia em território brasileiro por meio dos fatores estéticos e arquiteturais das cidades coloniais.

Embora tenha lido e estudado diversos artigos sobre o assunto na época, essa passagem foi só um caminho para narrar esse atravessamento. O que me interessasse mesmo foram os desenhos urbanos, mapas e projetos de construção das cidades no período de colonização Portuguesa nas margens do Rio Amazonas. Que resultou numa proposição investigativa para olhar duas cidades, uma brasileira - Parintins/AM e uma portuguesa - Sanfins do D'ouro/PT.

O projeto e o desenho urbano na expansão territorial amazônica

A intenção inicial investigativa do projeto compreenderia articular áreas de estudos e conhecimentos que se amparam nos desvelamentos históricos da instalação das cidades brasileiras na região amazônica. Para tanto, o olhar artístico e estético ganharia forma e amplitude ao considerar as áreas da história geral e da história arte, arquitetura e urbanismo, geografias e as produções em artes visuais tendo em vista a construção das cidades pela coroa portuguesa e espanhola, após os tratados de definições territoriais. O projeto, a princípio dividia-se em ações, tendo como primeira atividade uma residência artística na cidade portuguesa, comparando-a com a cidade brasileira, entre imagens coletadas, fotografias, materiais cartográficos e informações pertinentes à construção da cidade durante a ocupação portuguesa nas margens da bacia amazônica.

A primeira motivação gerada era o impacto da criação das cidades na região amazônica ao perpassar questões culturais e de condições geográficas e climáticas, bem como, sob qual modelo de urbanização europeu que se deu no período da expansão marítima desconsiderando "quaisquer" conhecimentos nativo ou local para a instalação das cidades sedes da coroa neste território.

Pouco antes de um mês da viagem, tomei um barco rumo Parintins - Nhamundá. Queria conhecer a famosa ilha da Lenda da Tribo das Indias Guerreiras *Icamiabas* que deu origem ao nome do estado do Amazonas, *As Amazonas*. Chegando lá, fui tomar banho de rio, e um fragmento na areia cutucou o meu pé. Era um caco triangular de cerâmica. Lavei guardei na mochila e sem perceber voou comigo para Portugal.

Estando lá, passei pelo menos uma semana buscando livros e imagens que me remetessem conexão entre as duas cidades. Coletei fotografias, caminhei por quase toda a cidade e nada evoluía como estava planejado. Voltava para o ateliê exaurido e descontente. Numa tarde remexendo a mochila encontrei o

pedaço de caco de cerâmica, olhei, apalpei e guardei novamente. No outro dia, os mesmos percursos se compunham e nada excitante ocorria. De repente, me saltou aos olhos, um pedaço de raiz, cheia de texturas retorcidas como uma trança de cabelo bem espessa que saltava de uma bola de madeira pesada. Coletei e seguiu comigo.

Adiante avistei numa parede branca um imenso desenho negro, com um aspecto bastante orgânico e fluido, me aproximei, não era desenho. Era as ramas da parreira que caminhava pela parede. Ali percebi que algo brotou da terra e me saltou aos olhos. Logo percebi que eu deveria recuar e deixar o processo acontecer sem condicionar nenhum resultado, permitir que os desvelamentos ocorressem ocasionalmente. E aquele caco rasgou algo desse percurso.

Arqueologias Afetivas - Escavações poéticas entre Amazônia e Portugal

Depois de longas caminhadas reflexivas, invoquei o Flanêur de Baudelaire, a fim de vagar pela cidade como alguém que anda pelo mundo com a intenção de experimentá-lo, desfrutando de situações nada convencionais e nem usais para me encontrar com o desconhecido e inusitado. Nesse momento já tinha abandonado o projeto inicial dando espaço a essa descoberta que me fazia caminhar e explorar profundamente a cidade. Em seguida agreguei a esses pensamentos, que fora resgatados por Walter Benjamin, décadas adiante, os artistas que ficavam a deriva pela cidade, os chamados "Situacionistas" que tinham em suas propostas artísticas a intenção de se perder como investigação estética de uma anti-arte que daria sentido aos "estímulos inesperados, passando a noite inteira de bar em bar, discutindo e sonhando sobre a revolução, que parece iminente, se torna uma forma de rejeição do sistema." (Careri, 2005, p.92)

Em Sanfins do D'ouro senti a vontade de investigar com cuidado e encontrar sozinho os vestígios de vidas e histórias que o próprio lugar me diria sem intervenção de livros, estudos ou escritores.

Comecei pela raiz, lugar da fixação, de essência da memória, de preservação da vida. Lugar de arraigamento, de permanência em um local, de se prender, da necessidade de se estabelecer. Assim, as histórias de cepas de uvas chegaram a mim, primeiro pelos caules, galhos, folhas, frutos, até chegar ao líquido precioso, vermelho como o sangue. Quente como o carinho. Mas retornei as raízes, coadunada as pedras/palanques que sustentam seus galhos e que desenham emaranhados suspensos, barras de xistos, semelhantes ao ferro, resistentes em sua forma frágil/delicada ao toque metálico, cujas pedras arredondadas compunham no solo a sua sustentação.

Dentre as caminhadas, entre descidas e subidas, surgiu um revirado de terra fresca e úmida, com rastros de pneus, forjado por um objeto escavador que, remexendo o solo, fez surgirem pequenos fragmentos de memórias. Dentre a sorte de objetos, cacos de louças ficaram expostos, brilharam como lembranças imersas dentro de uma caixa que há muito tempo não se abria, e, então, pude tocar em memórias não vividas por mim e perdidas nas camadas

de terras que as escondiam. Coletei alguns deles, embrulhei no casaco que serviu de sacola, e continuamos a caminhada. Segui adiante, coletando folhas, galhos, pedras, terras e cacos, no percurso de Sanfins a Agrelos, cidade de 45 pessoas adultas e uma criança. Agrelos era silenciosa como uma idosa, que havia passado por mim com suas vestimentas negras, de cabeça baixa dirigindo-se à Igreja, cujo interior silencioso era quebrado pela ladainha coletiva e diária das beatas.

A ausência de sons da paisagem findou-se pelos gritos de um passado que ressoava em meus ouvidos e que me incitou a querer narrar este lugar em suas delicadezas escondidas e enterradas. Essa necessidade recém surgida se encheu de pleno sentido quando avistei um barraco de madeira que se despencava por umas das ladeiras daquele lugar, e que, pelos sinais, estava abandonado há muito tempo. Não pude me aproximar, pela ausência da rampa/calçada que um dia lhe deu acesso, mas pude ver de longe as panelas, canecas, talheres, um armário caído, uma cadeira solitária, um quadro de um santo católico e todo o resto tomado pelos emaranhados espinhosos da amoreira que abraçava o local, como se num desejo de entropia estabelecesse que aquilo voltaria para terra, e que com ela se enterrariam na mesma memória, memória das raízes.

Rodeei o barraco para poder ter a visão de um ângulo maior, mais amplo, e vi que lá em cima, suas paredes escoravam-se nas pedras que também rolavam pelo morro, e que debaixo dos galhos secos da amoreira haviam muitos cacos de louças quebradas, que, então, se somaram aos outros já coletados. Tentei reconstruir diversas histórias, mas como não sei como é a vida de um português, abandonei a ideia e deixei os cacos falarem comigo e me dizerem o que fazer. Segui adiante, admirando pedras postas e ordenadas em muros, ladeados por oliveiras retorcidas e centenárias.

Retornei a Sanfins, um sol forte me abraçou e junto a um vento fino e silencioso, rachou-me a pele e escreveu em meu rosto o sentido daquilo que deveria mostrar. Passei dias registrando a sombra dos cacos de louça projetadas pelo sol que me sugeria uma aura de proteção e preservação de uma memória não vivida. Outros cacos me pediram continuidade de seus desenhos e traçados; outros evocavam a sua ancestralidade, a sua relação terra/mineral, e, por isso, fundiram-se aos outros pratos de barro indígenas que encontrei nas ruas de Parintins, na Amazônia Brasileira, onde permaneci por um ano e meio, e que resultou nesse encontro entre águas/terras amazônicas e portuguesas.

Arqueologias Afetivas é o nome dado a essa coleção de memórias arqueológicas não vividas por mim, mas coletadas pelas minhas mãos, cujo encontro com aquela terra que me lembra a infância, vivida com meus entes queridos no interior do Brasil, no Sudoeste do Paraná, região esta que faz fronteira com uma outra cultura, com um outro país, a Argentina, e que bastante se assemelha à paisagem e à experiência do sentido de fronteira, que me foram possibilitadas pela vivência entre Portugal e Espanha.

Este trabalho, tem em seu sentido poético e afetivo o resultado de uma escavação afetuosa como retorno pela receptividade com a qual fui recebido. E os atravessamentos foram como migalhas de pão coletadas após o café coletivo, que com aquele caco amazônico me permitiu imaginar e criar ficções, assim como, tantas ouvidas no tempo em que lá vivi.



Figura 1. Percurso Diário para investigação estética. 2016 (fotografia do autor)



Figura 2. Os cacos coletados e a continuação do traço. 2016 (fotografia do autor)



Figura 3. Cacos da amazônico e português. 2016 (fotografia do autor)

Referências

- CARERI, F. *Walkscapes, el andar como práctica estética*. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 2005. 203p.
- BENJAMIN, W. *Passagens*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007. 1167p.
- _____. *Obras Escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1996. 272p.
- ZAMBONI, Silvio. *A Pesquisa em Arte: um paralelo entre arte e ciência*. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.